

Resenha do livro *Heidegger: on Being Uncanny*

Withy, K. (2015). *Heidegger: on Being Uncanny*. Cambridge: Harvard University Press.

Brenda Rossi Anhanha¹

O tema do estranho tem a sua própria história na filosofia, mas é com Martin Heidegger que o estranho toma contornos ontológico-existenciais. Katherine Withy, em seu livro *Heidegger on Being Uncanny*, de 2015, nos apresenta uma detalhada e acurada análise do conceito de estranhamento (*Unheimlichkeit*) presente na obra de Martin Heidegger.

Katherine Withy inicia sua investigação apontando que há momentos em que nos sentimos estranhos, como se algo estivesse errado em ser humano. Em tais momentos, acrescenta a filósofa, parece que nós não podemos tornar nossas vidas e nosso mundo completamente familiares e significativos. Isto é, sentimos que há uma dimensão da existência humana que está descompassada, instável, *unheimlich*. Withy não apenas aponta que devemos nos perguntar o que a experiência do estranho revela sobre nós, como, de modo taxativo, dirá que a condição humana é em si mesma estranha, não porque somos capazes de experienciar o estranho, mas porque há algo inerentemente estranho ou instável sobre ser humano.

Katherine Withy no capítulo 1, “Feeling Uncanny”, faz uma extensa investigação a respeito do sentimento estranho (*uncanny feeling*) e da estranheza (*uncanniness*) a fim de chegar a uma interpretação mais robusta da teoria da afetividade de Martin Heidegger. A filósofa inicia o capítulo abordando o vale da estranheza (*uncanny valley*), conceito cunhado pelo robocista Masahiro Mori a fim de abordar o surgimento da estranheza quando nos deparamos com autômatos muito semelhantes aos humanos. Em seguida, Withy se dedica à exploração filosófica do sentimento estranho, ou seja: 1. a estranheza em Ernst Jentsch e Sigmund Freud; 2. a estranheza irônica (*ironic uncanniness*) em Jonathan Lear; 3. o sentimento absurdo (*absurd feeling*) em Albert Camus e Thomas Nagel; e 4. o cotidiano estranho em Stanley Cavell.

No capítulo 2, “Feeling Our Being Uncanny”, Withy aborda a estranheza do *Dasein* e a estranheza do cotidiano familiar ser-no-mundo apresentada por Heidegger. Para tal, Withy começa a sua investigação a partir da análise da atmosfera afetiva da angústia. Primeiro, ela identifica a função metodológica da angústia: o motivo de Heidegger localizá-la na Divisão I

¹ Doutoranda pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

de *Ser e Tempo*. Segundo, ao analisar o modo como a angústia colapsa o cotidiano familiar comum no *decair* e identificar as quatro partes que estruturam a angústia, Withy sugere que a estranheza não pertence à perda da inteligibilidade no colapso do cotidiano, mas ao próprio ser do *Dasein* como ser-lançado (*Geworfenheit*). Withy, deste modo, postula a angústia originária como a estrutura pela qual somos capazes de acessar a estranheza (*uncanniness*): é através da angústia originária que podemos nos deparar com a nossa finitude, isto é, com a impossibilidade de compreendermos o “de onde” (*whence*) do ser-lançado.

No capítulo 3, “Being Uncanny”, Withy busca caracterizar o ser estranho com base na interpretação heideggeriana da origem do ser através do primeiro coral da “Ode ao Homem” de Sófocles. Tal origem é o fundamento da compreensão de ser, ou seja, o “primeiro” vir-a-aparecer do ser e do ser humano. Ainda, a ode possibilita que seja contada a origem da luta do *Dasein* para trazer o ser ao aparecer – esta realização do *Dasein* consiste na sua expulsão de sua essência. Deste modo, dizer que o ser humano é estranho é dizer que a sua abertura para o ser é fundada no aparecer e no ocultar (*pelein*): na abertura o ser retém ou oculta a si mesmo, e o “onde” ou origem do ser-lançado é desvelada como ocultamento. A estranheza é, por tanto, tal obscuridade que fundamenta e caracteriza a abertura para o ser.

No capítulo 4, “Being the Uncanny Entity”, Withy aborda as consequências existenciais da estranheza. Heidegger, com base na segunda metade da ode, usa o termo grego *polis* para abordar o movimento ou a reviravolta (*counterturning*) entre o aparecer e a ocultação (*pelein*), caracterizada como o polo ou locus de todo desvelamento de entes. A reviravolta faz com que o *Dasein* seja ôntico-ontológico. Como ontológico ou aberto à presença, o *Dasein* é transcendente, já que se move além dos entes em direção ao ser. Este evento pode ser descrito como *hupsipolis apolis*. Como ôntico ou aberto à ausência do ser, o *Dasein* decai. A estrutura da reviravolta é a mesma na estrutura do decair: como decaído, o ser do *Dasein* é *pantaporos aporos*. Ser *pantaporos* é desvelar entes em seu ser, enquanto ser *aporos* é ficar preso à aparência, a erros e ao falatório. Deste modo, ser um ente estranho é se voltar para ambos os aspectos. Nas palavras finais da ode, Heidegger faz uma extensa análise dos personagens da *Antígona*, de Sófocles, a fim caracterizar aqueles que podem ser descritos como propriamente ou impropriamente estranhos.

Por fim, no capítulo 5, “The Question of the Uncanny”, Withy levanta algumas questões a respeito do fundamento da estranheza. Withy inicia a sua busca por respostas a partir das quatro causas de Aristóteles. Em seguida, a autora levanta a questão linguística acerca da palavra “estranheza” (*Unheimlichkeit*) em Freud: a partícula un- de “*Unheimlichkeit*” deve ser interrogada a partir do que ela nega ou modifica. Para a filósofa, o modelo freudiano não dá

conta dos significados do termo germânico, enquanto o modelo de Heidegger fica em dívida com a sua interpretação da essência do *Dasein*. A filósofa então conclui que independentemente da causa, o fundamento da estranheza se mostra como sendo a questão que vale a pena ser perguntada: a irresponsividade à questão do estranho é a resposta. A estranheza é o não fundamento que estranhamente funda.